

AJO6818

Fotos de Gildo Loyola

# INVASÕES

Daniel Lopes

## Existe alguém por trás?

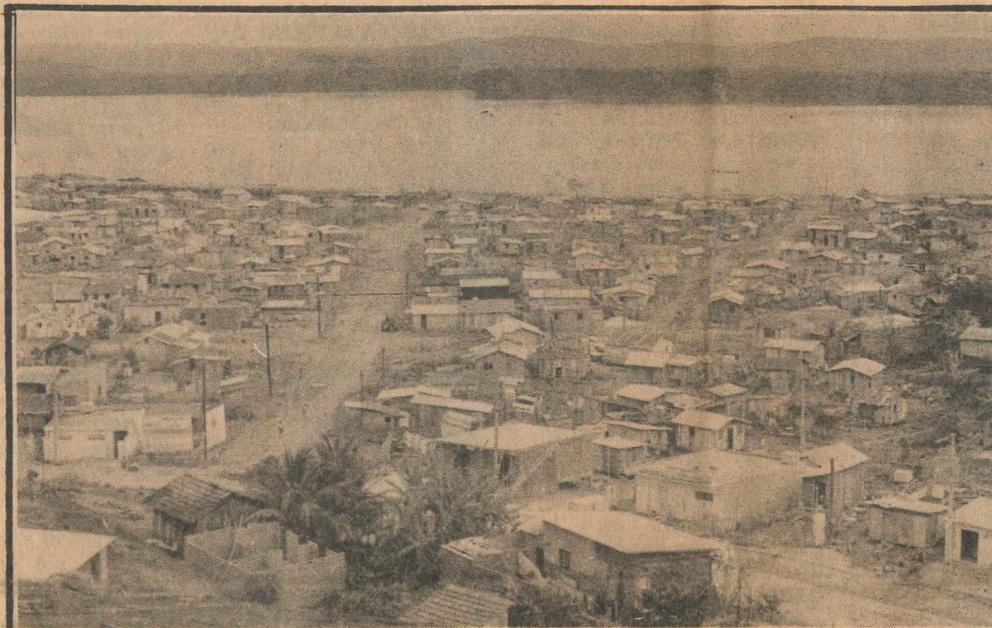
As invasões de terrenos na Grande Vitória são preparadas? Há quem diga que sim. E há até quem garanta que o coordenador das invasões é um homem magro, aparentando 30 anos de idade e que sempre usa óculos de aros finos. Por trás dessa mistura de ficção e realidade, entretanto, existe muita coisa, desde a presença de milhares de pessoas sem qualquer condição de pagar aluguel, até o abandono acintoso de grandes áreas de terras nos arredores da cidade,

praticamente convidando eventuais interessados. Por causa disso, aparentemente as autoridades diminuíram a proteção a estas áreas, embora ainda aleguem "o direito da propriedade" para espantar os mais audaciosos, mas os primeiros sinais de simpatia começam a aparecer: no município da Serra há facilidades e até indicações para famílias pobres "criarem" novos bairros.

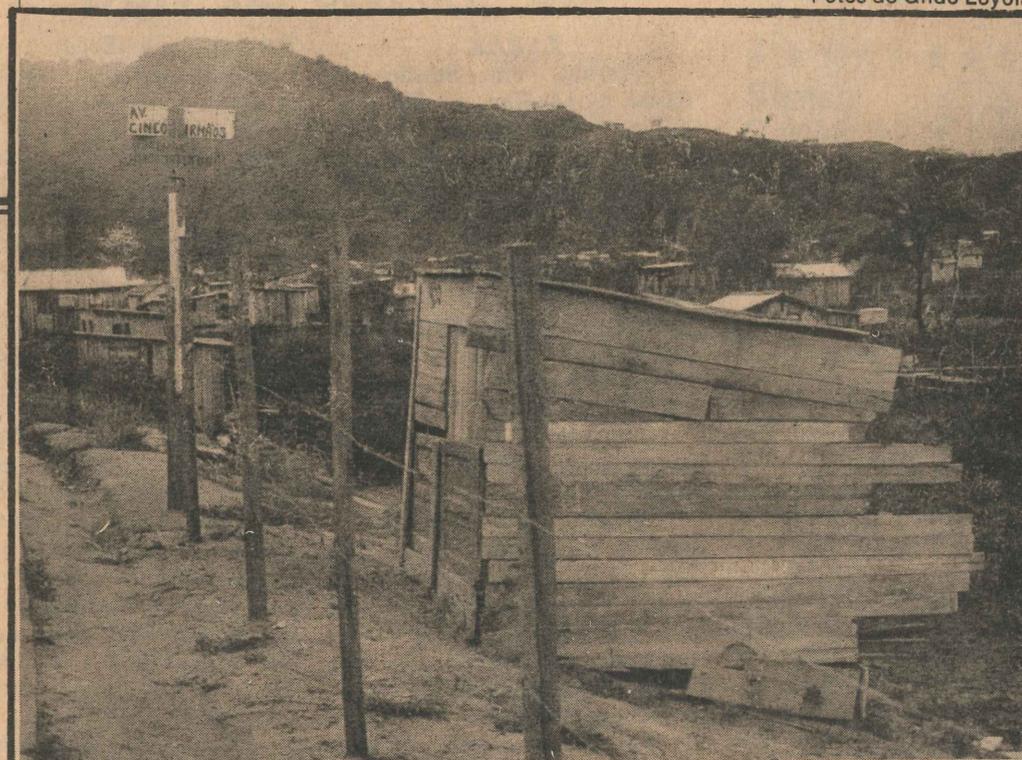
**P**rimero chegou um homem magro, aparentando 30 anos de idade, roupa modesta, movimentos rápidos. Depois, nos 15 ou 20 minutos que se seguiram, centenas de outras pessoas apareceram, vindas de todos os lados, trazendo pedaços de tábua, serrotes, foices, pás e tábuas velhas, retiradas de construções abandonadas.

Em pouco tempo, o silêncio da noite enlutarada de uma sexta-feira foi quebrado por um matraquear forte de pregos batidos incansavelmente sobre a madeira. Andando de um lado para o outro, numa espécie de coordenação geral, o mesmo homem magro que tinha chegado primeiro e observado o ambiente com cuidado.

Para facilitar o trabalho, mulheres e crianças carregavam lamparinas a querosene, garantindo um mínimo de luminosidade. Enquanto isso, em pontos mais distantes, já na rua, outro grupo de homens se mantinha a postos, em atitude de expectativa, pronto para alertar os



Muitos bairros de Vitória surgiram de invasões



Os barracos são construídos da noite para o dia

o que está havendo é um certo receio do Governo em provocar mais atritos com a população. Só que esta, segundo ele, é uma posição "estritamente casuística, diretamente ligada às próximas eleições".

Quando tudo passar, de acordo com o raciocínio do deputado, tudo voltará ao que era antes e as pressões contra as famílias pobres que ocuparam áreas abandonadas serão redobradas, até alcançarem seus objetivos: expulsar de uma vez por todas as pessoas, independentemente da situação de cada uma.

Pode ser, mas é cada vez mais evidente que está havendo maior cuidado por parte das autoridades quando se trata de discutir as invasões. Pelo menos não se chama o choque da Polícia Militar, uma espécie de pelotão destinado a castigar infratores, sem se importar com as consequências que isso acarreta para mulheres e crianças.

Há muitos meses que não se ouve falar em nenhuma atitude concentrada contra os invasores de terrenos e mesmo em locais apontados como "potencialmente tensos" — caso do bairro São Pedro, por exemplo — o policiamento ostensivo que se fazia em torno da área para evitar novas construções praticamente desapareceu.

AINDA EXISTE

assegura que "os problemas existentes hoje nesse setor se devem única e exclusivamente ao Governo, que deixou de dar boas condições de vida aos trabalhadores brasileiros".

Mesmo usando outras palavras, o deputado Roberto Valadão, do PMDB, apóia o pensamento. "As famílias humildes que invadem terrenos abandonados para poder sobreviver não podem ser castigadas pelos erros cometidos pelo Governo, que não soube dar condições para que elas vivessem com dignidade" — disse ele.

Por todos esses motivos, eles concluem que, ao contrário do que se insinua em muitos setores, não existe qualquer ação previamente programada, seja por estudantes, religiosos, políticos ou dirigentes sindicais. O que há é uma situação de extrema necessidade, de falta de condições para viver e de falta de dinheiro para pagar aluguel. Tudo junto leva ao desespero e, daí, às invasões.

HÁ TRABALHO

Os questionamentos, entretanto, continuam existindo. Para o coronel Décio Nascimento, superintendente da Polícia Civil, não existe no Espírito Santo, pelo menos por enquanto, "a pretensa situação de miséria que se tenta apregoar por aí" e

de expectativa, pronto para alertar os amigos em caso de necessidade.

## A INVASÃO

O que faziam?

Executavam de maneira extremamente eficiente e rápida mais uma invasão de terrenos em Vitória, ocupando áreas abandonadas, sem qualquer infraestrutura, ao longo da estrada do Contorno, entre a Pedreira e a Ilha das Caieiras, num dos pontos de topografia mais bonita de toda a cidade.

Quem eram?

Homens, mulheres e crianças que se cansaram de viver ao relento, como animais, ou em verdadeiras cavernas, sem a menor chance de um dia conseguir ganhar o suficiente para pagar um aluguel de um cômodo melhor, mesmo em arrabaldes distantes, e ainda garantir o sustento da família.

No dia seguinte à invasão, quem passou pela estrada do Contorno, logo cedo, viu dezenas de barracos de tábuas e pau a pique levantados. Medindo, em média, 12 metros quadrados, eles são tortos, não obedecem a qualquer esquema de construção e nem sequer dispõem de

banheiro, mas representam o começo de um novo lar, uma nova vida para essas famílias.

— Quem trouxe a gente aqui? — pergunta uma mulher baixa, olhar desconfiado — Ora, foi a gente mesmo que veio andando, sozinho, não foi ninguém, não. Veio todo mundo a pé, andando.

## REPETIÇÃO

A cena cinematográfica da invasão que ocorreu na estrada do Contorno, em Vitória, há seis meses, na verdade se repete semanalmente na cidade, em maior ou menor escala. A Prefeitura não dispõe de levantamento, mas admite que são feitas mais de 20 habitações novas, irregulares, todos os dias.

— Nós sabemos disso, mas não temos como evitar. São muitas frentes atuando, entrando em áreas as mais diversas e a Prefeitura não dispõe de estrutura para impedir que isso aconteça. Já comunicamos o fato ao prefeito, mas não sabemos como evitar as invasões. Elas se alastraram demais — explica um funcionário do órgão.

Mas se a situação de Vitória em relação às invasões não é boa, a do município da Serra, sob um aspecto, é muito pior. Lá, a incapacidade da Prefeitura de agir contra as famílias que agiram assim é tão grande que o prefeito José Maria Feu Rosa preferiu abrir mão de certas exigências e evitar problemas maiores.

— Não adianta reprimir o povo que necessita de um lugar para morar. Temos que olhar para o problema social e encontrar uma forma de solucionar, sem que isso represente prejuízo para A, B ou C. E é isso que estamos procurando fazer na Serra: viver em paz e deixar viver.

## FACILIDADES

Oficialmente, o prefeito não promoveu qualquer “ajuda” às famílias de poucos recursos que lutam para conseguir um lugar para morar, mas há funcionários da própria Prefeitura que admitem que ele, oficiosamente, facilitou a vida de muita gente, chegando a sugerir a ocupação de determinadas áreas.

Mentira ou verdade, ninguém poderá dizer com segurança, mas não há dúvida de que no município da Serra o nome de José Maria Feu Rosa tem ganho uma projeção sintomaticamente significativa nos últimos meses, sobretudo junto à camada mais pobres da população, as pessoas que abriram verdadeiros bairros.

Em Cariacica, outro município da Grande Vitória, a atitude das autoridades oficiais tem se caracterizado de outra forma. Não há a mesma “facilidade” na ocupação de áreas abandonadas ou simplesmente esquecidas, mas se nota de alguns meses para cá a existência de uma visível tolerância em relação ao problema.

— Vamos fazer o quê? Expulsar o pessoal, jogar a polícia em cima? Não é essa a solução — comenta um político ligado ao município e à área do Governo — porque estamos numa época de dificuldades para todos e não podemos agir impulsivamente, esquecendo o lado social da coisa.

## MAIS CUIDADO

Na opinião do deputado Nelson Aguiar, que meses atrás trocou o Partido dos Trabalhadores — PT — pelo PMDB,

## AINDA EXISTE

Isso não quer dizer, entretanto, que o problema deixou de existir e muito menos que foi resolvido. O novo bispo coadjutor de Vitória, Dom Silvestre Scandian, mostrou-se disposto a estudar de maneira minuciosa a situação da falta de moradias para as famílias pobres que vivem nos arredores da Grande Vitória.

Prudente, ele preferiu dizer que o problema existe, que a situação é grave e que merece atenção, mas negou-se a dar qualquer palpite sobre a razão ou não dos invasores. A verdade é que, na sua opinião, a Igreja deve apoiar preferencialmente os pobres, mas isso não quer dizer que ela apoie ações consideradas ilegais.

— O respeito à propriedade deve existir, senão entraremos em um processo de desrespeito às leis e de desajustes sociais com reflexos em todos os setores — advertiu um funcionário do Departamento de Polícia Federal, pedindo para ter o nome omitido — e se isso acontecer só Deus saberá o resultado.

Como órgão de investigação e de informação, o Departamento de Polícia Federal tem conhecimento da existência “de uma espécie de indústria da invasão em Vitória”, referindo-se à presença das mesmas pessoas nos movimentos de ação social que culminam com a ocupação de áreas desocupadas na Grande Vitória.

## AS CAUSAS

Hoje, todos sabem, no entanto, que as invasões na maioria das vezes não ocorrem simplesmente por iniciativa das famílias mais pobres. Há, inclusive, quem defenda a tese de que existem movimentos organizados, com a participação de lideranças vindas de outros estados, fomentando esse tipo de ação.

— Alguém tem dúvida de que eles estão querendo desestabilizar o sistema? — pergunta, demonstrando irritação, um funcionário da Polícia Federal — Acho que se continuarmos dando corda, chegaremos a um ponto de saturação e aí vai ser mais difícil e muito mais violento controlar tudo isso.

Nos setores considerados liberais, o pensamento que prevalece é outro. O advogado Sylvio Marcondes Neto, que atuou na defesa de invasores em Cariacica,

de miséria que se tenta apregoar por aí” e o Estado pode se considerar à margem de problemas existentes em São Paulo e no Rio.

— Aqui, graças aos financiamentos enormes feitos pelo Governo, nós não ti-

## Na Serra dizem que

## há até “facilidades”

## para os invasores

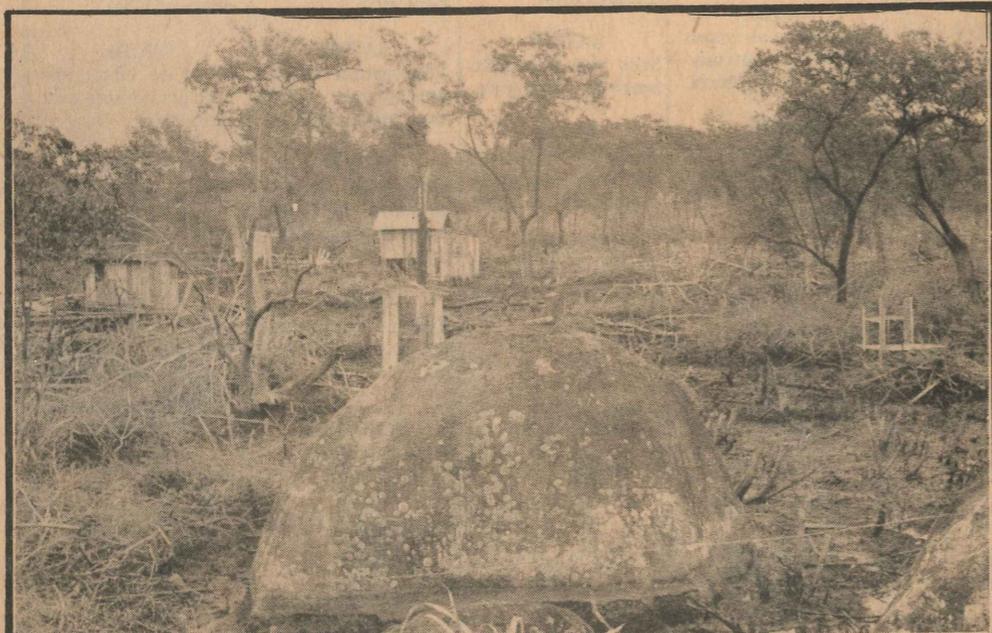
vemos problema de desemprego, não temos e dificilmente teremos. Pelo contrário, estamos oferecendo vagas diariamente a gente de fora que chega na cidade. Posso assegurar que o homem trabalhador, que quer realmente ter uma vida digna, encontra trabalho no Espírito Santo e ganha o suficiente para viver bem.

Para chegar a essa conclusão, o coronel Décio Nascimento considerou os dados divulgados pelo censo demográfico realizado no ano passado, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística — IBGE. De acordo com o levantamento, houve um aumento da população — são 2 milhões e 100 mil pessoas que vivem no Estado — mas houve também uma oferta maior de novos empregos.

E o homem magro que foi visto pouco antes das invasões?

A última vez que cruzaram com ele, o homem olhava com evidentes sinais de coibiça uma área desocupada que fica entre Goiabeiras e Carapina, do lado esquerdo da rodovia BR-101 Norte, na direção Vitória-Salvador. Talvez por isso há quem diga que será lá a nova invasão programada. Mas isso aconteceu antes da disposição do Governo Federal de facilitar o acesso das famílias pobres às terras de áreas urbanas.

— Não existe nada programado, posso garantir — assegura um advogado, frequentador de igrejas católicas — nem se pode dizer que a Comissão de Justiça e Paz incentive alguém a fazer invasão ou organize essas invasões. É mentira. No máximo, o que ela faz é esclarecer as pessoas sobre seus direitos e isso é legal, não viola qualquer lei brasileira.



As casas são feitas em locais sem qualquer infra-estrutura.